

AOS LEITORES

Após haver publicado em Londres, em 1902, esse estu-
pendo romance que é «Canan-
an», soberba obra de filosofo
e sociólogo, de poeta e pen-
sador, Graça Aranha publi-
cou, em Paris, em fevereiro
de 1911, «Malazarte», drama
simbólico e indilico.

Dizer, na brevidade destas
linhas apressadas, da signifi-
cação desse trabalho, seria
o impossível. Basta, pois,
lembrar que José Pereira da
Graça Aranha, ao escrever
esse empolgante poema, que
foi representado em Paris,
no teatro «L'Ouvre», não
estava esquecido, conforme
assinou o nosso erudito e
sempre arguto João Ribeiro,
de «que não basta que um
livro se funde na tradição
para que imediatamente se
comunique a todo um povo»
e que «lôra da alma popular
não há criação literária esta-
vel». Assim, «Malazarte»
oferece ao olhar analítico
da crítica, facetas diversas,

cada qual mais interessante,
e dignas, todas, de interpre-
tação. Não é o caso da gen-
te fazer notar, aqui, o espiri-
to negativo e destruidor
desse grande e feliz egoísta?
O seu riso de escárnio ante
as ruínas alheias? A sua in-
diferença pelas vítimas? O
seu desprezo pelos derrotados?

«Malazarte», errante, avul-
so, solto do mundo e aéreo
como uma nuvem, só entra
em contacto com a terra, em
tempestade, quando como ela
se destaz nas lágrimas que
semeia, em dilúvio de maldi-
ções. Ente satânico e simbo-
lico, vive da ruína circunja-
cente, tira os seus risos dos
clamores e do ranger de den-
tes dos que se afundam. Por
todas essas razões e muitas
outras mais, ele é
bem a própria imaginação
da raça.

Um pequeno grupo for-
mado de alguns dos moder-
nos artistas e escritores do
Maranhão actual achou, em

bom hora, de homenagear
Graça Aranha, dando o no-
me do seu consagrado poe-
ma dramático a este mensá-
rio de cultura, que ora é o-
ferecido ao nosso público le-
dor.

Tal arrancada, pela sua
audácia, estamos certos, cau-
sará admiração, e talvez até
contrariedades, pequenas ou
grandes. No entanto, eis uma
realização que merece lou-
vor, principalmente tendo em
vista a indiferença já tradi-
cional do meio, diante de
empreendimentos como o
que no presente momento é
iniciando.

Caberia-nos, porém, tal a-
contecendo, o direito de dizer
o seguinte, fazendo nossas as
palavras hoje proféticas de
Mestre Graça, o inolvidável
revolucionário d'«A virgem
maravilhosa», quando assim
falou pela boca do irreve-
rente e risonho «Malazarte»:
«E o ódio deles se ergue con-
tra a minha serenidade...»

RAPSÓDIA DAS MUITAS TEREZAS Seus dias

Reconheço que foi de veras surpre-
endente aquela súbita exaltação afec-
tiva, que, de momento, causando
espanto geral, empolgou meu am-
igo, cujo ceticismo em face do amor
se aplaina, perfeitamente, as outras
exaltadas do seu temperamento.
Reconheço, porém, que era, apenas,
um inquieto, exultando, sempre,
um desejo desesperado de fugir à
solidão. Lembremo-nos como se fosse
de agora, dos seus desejos de eva-
são, das suas ansias torturadas de
fugir à realidade, em longas vol-
tas de boémia, com vinhos confor-
tadores, poemas que falavam, sem-
pre, em longas viagens e terras
exóticas ou ideais e mulheres fa-
céis a se sucederem, numa ronda
sem fim.

Relembro, igualmente, a sua in-
decisão, inapetência e incooperá-
vel, de se recolher, já quando lhe
embranqueciam, embora prematu-
ramente, as temporas, no abrigo
calmo e seguro do afeto doce e con-
stante, discreto e romântico da cri-
atura que o amava, oferecendo-lhe
a oportunidade para de uma iden-
tidade de inteligência e cultura.

Foi sobre tudo isto, que de
momento, surgiu, com a força apor-
tadamente indomável de uma re-
ação de velhos anjos, libertados
enfim, lá dos misteriosos meandros
do mundo interior, a paixão de
meu amigo, por Tereza.

Ela não seria, aliás, um padrão
de beleza clássica, mas não era,
também, um exemplar satisfeito
de copia cinematográfica. Não era,
aos seus esplendidos dezesseis
anos de colegial poética, é bem
de dizer, essa nota de personali-
dade, que interessa os homens
de espírito. Motiva, tinha belos e
claros os olhos negros, onde, a
quasi certo, fulgisse, lá no interior,
essa chama que ilumina as mulhe-
res dessa romântica e inquietante
Itália, por quem todos os homens
de espírito do mundo, um dia sus-
piraram nostálgicos, e de cuja in-
coerente ardente visão, bem próxi-
mo, o sangue. Era independente e
postava de si, e, por uma co-
incidência, que muito significa para
o caso, amava muitos dos escri-
tores, identificados com o espírito
inquieto do meu amigo.

Aquela tempo, esforçamo-nos, to-
dos os da nossa roda, para encon-
trar uma explicação razoável, para
a inesperada explosão de afeto de
meu amigo por Tereza.

Sem que jamais nos houvesse re-
conhecido, advertimos que lhe
ficavam nos dias da juventude, uma
dessas marcas inapagáveis, que
inibem a sua função afetiva. Vir-
mos mesmo reconhecer nos mais



ARTUR AZEVEDO

Ha 13 anos atrás, no dia 7 deste mês, nesta cidade,
nasceu Artur Nabatino Belo de Azevedo, que seria, depois,
o mais ilustre teatrólogo brasileiro.

Artur cursou o velho Liceu Maranhense e aos 13
anos começou a trabalhar no comércio, abandonando tal
carreira para ser funcionário público. Havendo, porém,
escrito uma sátira contra o presidente de sua província
nata, foi demitido, mudando-se então para o Rio de Janeiro,
(1873). Nomeado amanense, entrou para a Secretaria da
Agricultura, chegando mais tarde a tomar posse do cargo
de diretor geral de contabilidade da Secretaria de Estado
da Indústria, Viação e Obras Públicas, substituindo Machado
de Assis, quando da morte do glorioso escritor patricio, em
1908.

O eminente comediógrafo e dramaturgo contrerrâneo
foi um dos nossos mais fecundos escritores, havendo deixado
(Conclua na última página)

puras afetos, a ternos e camoradas
admirações, que a sua inteligência
provocava.

Sempre inquieto, ele atravessava
o tempo, com um ceticismo quasi
cínico pelo amor, refugiado nos
seus livros ou exaltado na sua bo-
émia.

E, ali, estava o inerradicável:
aquela exaltação afetiva, aquela
paixão quasi romântica de colegial.

Em próxima publicação, lá, no seu
(Conclua no próximo número)

Tudo o Universo move-
se, transforma-se per-
petuamente. O espírito
do homem corre como a
matéria universal.

GRAÇA ARANHA

NAMORADOS

Lucy Teixeira

—Por que você demorou tanto?

—Perdi o bonde.

—Todos os dias você perde o

bonde.

—Todos os dias não, você é que

anda com impaciência.

—Se eu implico é porque tenho

direito de implicar.

—Ih! José, fala baixo, você chama

a atenção dos outros.

—Que me importa? Já não dá

tempo de se ir ao cinema.

—Bem, mas não era certo a gen-
te ir. Nós ficamos de combinar na

hora.

—Mas era qual certo, você bem

sabe.

—Mas hoje você está horrível,

José. Depois diz que quem começa

briga sou eu.

—Olhe, tenho uma ideia: vamos to-
mar sorvete no Bazar novo.

—E não respondeu. Foi andando

junto dela. Queria continuar discen-
tando, espiava de lado pra ver se

ela olhava. Antonia, porém, dera o

incidente por terminado. Tinha cal-
ma no rosto moreno e as sobrancel-
has não se erguiam como ainda

agora. José chutou uma pedrinha

ocasional. Antonia também. José do

novo e a pedrinha seminu-se. Então

se olharam meio encobrados.

—Você não sou de bom-dia.

—Bom-dia.

O namorado respondeu em silen-
ciosa, inclinando a cabeça: seria ju-
sto que ela se desculpassse pelo atra-
so. Na pequena pausa nada aconte-
ceu, nem sinal de que as travas es-
tavam sendo encobridas com a ins-
titutiva harmonia do coração. Por

isso eis que interrogou inquisito:

—Antonia, você jura que não se

demora mais?

—Jurar não juro. Imagine que ve-
lho correndo pela rua, um carro

me pega... e você não vai me que-
rer de perna quebrada.

—Quero.

—Não quer.

—Quero.

—Não quer.

—Não tenho com gente boba.

—Muito obrigada.

—Não tem de que.

José enfiou as mãos no bolso e

assoviu. Antonia abriu a boca mas

não disse nada. E, quando se abra-
çou a boca e não se fala, é que

nenhuma palavra pode existir sufi-
cientemente. Traz-se razão o pen-
samento, os vocabulários se enbetam

ou se retraiam tal como a sensibilidade

no leve contato.

E assim segalam pela rua já

sem conversar. Apenas José lin-
ha ideias envoltas na capa do as-
sovio. Afinal se queria queria mu-
lher a Antonia, ela não era pra

fazer isso, não era. Mal educada,
nem podia desculpar pelo atraso.

Agora vinha do lado dele, nem li-
gava. Às vezes, olhava a namorada

tão bonita que, se ia falando as co-
isas para ela. —Alfredo, você é

aquele problema de matemática?
não ouvia o que lhe dizia e ne-
cessava perguntar de novo. —Mas

não já lhe disse que não há? B. ra-
paz, você está ficando surdo, pre-
cisava tratar-se quanto antes. J. Anto-
nia era tão notável, tinha uns olhos

apartados, mas tão queridinha que
era Antonia... podia dar o braço a
ela e sair de madrugada, pelo mun-
do. Não haveria mais segunda-feira

(Conclua na última página)

malazarte

MENSÁRIO DE CULTURA

N.º 1-ANO I

29-7-948

CRS 1,00



UMA MAGNIFICA OPORTUNIDADE!...

O MAIOR SORTIMENTO EM TECIDOS DE ALGODÃO E SEDA ESTÁ RECEBENDO A

«CASA DOS TECIDOS»

Novidades encantadoras!...

Preços magníficos!...

FAÇA A SUA VISITA SEM DEMORA A ESTA GRANDE LOJA

«CASA DOS TECIDOS» RUA OSWALDO CRUZ N° 28 — FONE 1490

LÂMPADA VOTIVA POR QUE SILENCIAR, IRMÃOS?

Não esperes de mim o teu esquecimento.
Eu não te esquecerei um só momento,
porque é em torno de ti
que giram
e dançam
numa ronda gentil, todo o meu pensamento.
Perto ou longe de ti,
(não há para nós dois distância,
porque eu venço a distância com o meu pensamento)
trago egotisticamente, para a nostalgia dos meus olhos,
a presença de tua imagem de beleza legendária,
a tua imagem que criou, para a minha percepção,
a suprema alegria de viver,
acendendo um sol de verão setembril
no inverno dos meus dias;
a tua imagem de legenda,
que ampliou, para a minha estesia,
a tua irradiação;
irradiação milionária de veludo de noite negra,
na grande noite enluarada dos teus olhos;
de claridade de manhã brasileira
na claridade de tua voz;
de perfume de madrugada tropical,
no perfume orvalhado de tua boca aromal;
irradiação dos teus gestos lentos,
dos teus movimentos,
gloriosa irradiação de ti mesma!

Tu és a excelsa dominadora do meu coração.

E eu não te esquecerei um só momento,
porque tu és meu céu, meu universo,
minha vida, meu tudo,
porque tu és todo o meu pensamento.

Do meu coração fiz pomposa catedral
onde ergui, carinhosamente,
o altar do teu culto.
Olha: junto a esse altar
ardará, eternamente, a chama sagrada
do meu grande amor, do meu único amor,
como junto a um altar arde uma lâmpada votiva.

FRANKLIN DE OLIVEIRA

A GRANDE NOVA

O' companheiro, ó camarada, quando te abraçarei?
Por que odiosamente transferem a tua chegada?
Mandei arrancar as portas da minha casa
e na minha mesa há um copo esperando a tua sede.
Se chegares quando eu já tiver partido,
entra, bebe o vinho, como o pão que eu mesmo
preparei para ti,
depois canta ou dança um pouco como se eu estivesse
presente
e parte depressa para anunciar às crianças a grande
nova.

OSVALDINO MARQUES

Por que silenciar, irmãos, vossas vozes tristonhas?
Os homens estão cansados e perderam seu rumo,
infinita amargura os destrói, numa lenta agonia,
e o grito de angústia não morreu na garganta das mães.
Por que parar, meus irmãos, quando bem que sabeis
que os vossos cantos todos vêm da noite,
do abismo de paixões e tormentas humanas,
e os vossos gestos são da cadência profunda
de vontades grandiosas jamais confessadas,
de desejos ardentes que ficaram desfeitos
na penosa vertigem de inquietações sem remédio?
Por que silenciar, se crianças estão chorando,
e está de luto o arrebol de suas vidas;
se uma vaga de ambição alogou os humildes,
quando eles pediam a quietação de um grande amor sem iron-
[teiras?]

Não deixai que a esperança abandone o sentido do mundo.
Convosco estão dobrando os rins das igrejas,
convosco estão acenando os faróis de portos distantes
como a chamar os naufragos que clamam pelos mares.
Em vós está a estranha voz dos desaparecidos,
dos mutilados que ficaram gemendo
nas cidades em ruínas, tristes, devastadas,
dominadas do horror com que a morte as povoou.

Por que silenciar, irmãos, vossas vozes tristonhas?
Não é esse o destino dos que se integraram
no ritmo inconfundível do coração do mundo.
Nós todos cantaremos com os queixumes dos homens,
e um dia, quando a luz se apagar de nossos olhos,
e nossa voz fugir para outros arcanos,
talvez que nossos cantos sejam mais belos,
porque descenderão harmoniosos como a luz das estrelas,
de imensos céus para a tristíssima terra,
para transfigurar a dor de todos os desesperados...

CARLOS MADEIRA

MCMXLVIII

O tempo das meninas bonitinhas
se alimenta de tranças e gardênia
e o automóvel resolve involuntário
problemas que vão dar ao suicídio
Os filhos de família vão gastando
com furor este quase exausto tempo
de lucro caridade cerimônia e
pão concentrado para certas bocas
Vai-se acabando o tempo da homenagem
O turvo rio sujo do negócio
destiza menos fértil e já com
presença de mau hálito e detritos
A família resiste entre doenças
a indigestão e o estômago vazio
e o povo vai guardando o grilo forte
comprimido entre o medo e a esperança
Ninguém pensa em viver Dificuldades
engolem o país do sonho e a rosa
Limitados de urgência e circunstância
viajamos entre o ofício e a distração
Pequenos problemas se complicam
Dores comuns se fecham em cadeia
e paira sobre as casas sobre as ruas
um múltiplo rumor unificado
O apêto de mão ganha importância
Ninguém pensa em viver—pensa em ficar
em continuar estando embora sendo
entre o muro a impotência e a madrugada

BANDEIRA TRIBUZI

POETAS DO BRASIL

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como eu farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei um burro brabo
Subirei no pau de sebo
Tomarei banho de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe d'água

Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada
Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar.

E quando eu estiver mais triste
Mais triste de não ter jeito
Quanto de noite me der
Vontade de me matar:
—Lá sou amigo do rei—
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada.

MANUEL BANDEIRA

Da Indústria Brasileira, marca «OLHO» é a primeira.
LOJAS A PERNAMBUCANA

Unicas depositarias dos afamados tecidos marca «OLHO»
Sortimento completo de artigos finos para homens e senhoras.

LOJAS A PERNAMBUCANA

ANTOLOGIA

O SENTIDO DA VIDA

BENEDITO BARROS, durante toda sua existência, foi um combatente.

De origem humilde e homem de cor, viveu reagindo contra os preconceitos de raça e de condição social. Honesto e trabalhador, vivendo sempre sem conforto, morreu tragicamente à porta da própria escola que abandonara, por falta de recursos... Assim, nesta cidade que fora o seu berço, lutou 26 anos. Ininterruptamente. Heroicamente. Desassombradamente. Inapagavelmente.

Em homenagem à memória desse moço de raro talento e de sensibilidade incomum, «malazarte» publica hoje «O sentido da Vida», poema que é um dos pontos altos da poesia eloquente do inquieto e angustiado poeta negro maranhense.

O Homem cá dentro de si,
e esquece os risos coloridos.
Ele olha o azul do céu, infinito,
e se perde no infinito das estrelas.
Olha o Mar, slém, encrespado.
E, no rugido das suas vagas tenebrosas,
ele passa tranquilamente.
Olha o píncaro da montanha gigantesca.
E, no domínio de seu impulso,
cortando o Espaço,
ele vai buscar os louros da conquista.
Olha, adiante, nas chaminés das fábricas,
o trabalho das máquinas
transformado em fumo.
Olha a mata selvagem
ritmando a beleza virgem da Criação.
Olha a luz do sol fecundando a terra.
Vê, no seio da terra, a grandeza dos elementos.
E, no resplandecer da sua purificação,
a harmonia os envolve no conjunto das coisas.
Ele vê, aqui e ali, a Natureza
impávida e soberba.
E olha, dentro de si mesmo,
a própria Natureza, contorcida.
O colosso que ela enverga,
a pujança da sua imensidade,
o divino que ela encerra,
ele o sente dentro de si mesmo,
numa transfiguração.
O Homem esquece os risos coloridos.
Traça, no semblante, o sentido da Vida.
E sente o Mundo palpitante
palpitando-lhe os sentidos!

BENEDITO BARROS



«malazarte»

MENSÁRIO DE CULTURA

DIREÇÃO —
CORREIA DA SILVA
BANDEIRA TRIBUZI
J. FIGUEIRÉDO
JOSE BRASIL

ASSINATURAS:

Endereço:

Caixa Postal 272

ANO: _____ Cr\$ 15,00

Nº: _____ Lais — Maranhão — Brasil

PINTURA

Na sua próxima edição «malazarte» dará do alto rator dos significativos trabalhos que Cádmo Silva, um dos principais elementos do Núcleo «Elizeu Visconti», ofereceu à visita pública, a partir do dia 15 do corrente, no salão nobre do Teatro «Artur Azevedo».

LEGENDA

Correia da Silva

O teu verso deve sair da tua pena
sólido e simples, livre e claro,
espontaneamente,
naturalmente.

Não
prenda nunca o teu pensamento de homem independente,
ao ergastulo da rima
e jamais escravizes tua «moça», nova
aos grilhões dos ritmos do metro!

Oíha bem a terra onde nasceste:
vibração e movimento,
alegria e agilidade,
liberdade «sol»!

Deixa que o teu verso módo
faça lembrar

o vento e o vento em disparada pelo espaço;
frutos maduros roçados de orvalho matinal;
fólias sécas cingindo no ar;
rosas caindo, desfolhadas, do hastil;
uma «ida que se desfaz em renda de espuma»
sobre o tapete das areias tostadas das praias;
cantos de pássaros felizes;
estrelas brilhando no azul;
águas correntes de fontes puras;
risos inocentes num rosto de criança
ou a música eterna e sem par
dos mendigos boêmios e dos errantes vagabundos.

Lembra-te
que o teu verso tem que traduzir
sempre, fielmente,
a indisciplina da tua imaginação creadora!

ARTUR AZEVEDO

(Conclusão da 1ª página)

do, aproximadamente, duzentas peças, entre originais, traduções e adaptações. Na sua obra, que na maior parte, como toda obra imortal, não envelhece, vem resistindo admiravelmente à ação destruidora do tempo e ainda hoje desperta o interesse, sempre crescente, das novas gerações, há piedade e alegria, ironia e malleia, sutileza e palavras e duplo sentido, que intencionalmente provocam o riso e fazem pensar, mais que estão muito longe de fazer enrubescer, ferindo os ouvidos delicados do próximo ou ofender a susceptibilidade, embora extremada, de alguns circunspectos leitores...

Poeta, humorista, contista, jornalista, crítico, tradutor, Artur Azevedo publicou «Carapucas», «Sonetos», «Contos possíveis», «Contos fora da moda», «Contos efêmeros», «Contos em verso», merecendo destaque, dentre a sua bagagem teatral, «A Joia», «O dote», «O badejo», «Casa de Orações», «A donzela Teodora», «A Princesa dos cajueiros», «A Capital Federal» e «Vida e morte». Escreveu ainda diversos trabalhos teatrais de colaboração com Moreira Sampaio, Urbano Duarte, Eduardo Garrido e o seu irmão Aluizio, o magistral romancista d'«O cortiço», «A Casa de Pensões», «O coruja» e «O mulato».

Homem honesto e boníssimo, Artur faleceu, quase paupérrimo, no dia 22 de outubro de 1908, no Rio de Janeiro. Futuramente, quando os brasileiros compreenderem que seu Teatro não pode haver uma civilização completa, o Brasil fará a merecida justiça à obra do brilhante maranhense, venerando, então, condignamente, a sua memória.

Estampando acima a expressiva xilogravura devida ao belo talento de J. Figueirédo, o já vitorioso artista conterrâneo, «malazarte» espontaneamente presta uma homenagem simples, mas sincera, a Artur Azevedo, que é incontestavelmente, o escritor n.º 1 do Teatro Nacional.

«BAR E RESTAURANTE QUITANDINHA»

Depois de um bom espetáculo, só uma boa ceia.

E isso você só conseguirá no

«QUITANDINHA»

Cosinha de primeira ordem. Bebidas nacionais e estrangeiras. Preços módicos. Aberto dia e noite

Rua Herculano Parga n.º 434-A

São Luis — Maranhão

QUER UM RETRATO ARTISTICO?

PROCURA SEM DEMORA, A RUA 7 DE SETEMBRO, ESQUINA COM A RUA CEL. COLARES MOREIRA, O

FOTO ARTE

Para um bom retrato é preciso um bom fotógrafo, que tenha gosto artístico!

Para os serviços de revelações, ampliações e reproduções, é indispensável um bom laboratório!

Tudo isto você encontrará no «FOTO ARTE».

NAMORADOS

(Conclusão da 1ª página)

com a infatigável sôpa de macarrão, «eu» Fido não jamais ia chaltá-lo aos domingos com escritas comer) clais? — Você tem a letra que é um primo, José? Só havia ele o a namorada e um «amigo» que não se achava mais, um camião, por onde a gente fosse distraída. Assim, quando Antonia parecia um vagalume meiozinho feliz, Lem se lembrando de cantarolar fox americano, nem mesmo «Sunday, Monday and always» de que ela gostava tanto. E, subito, verzes desculpavam-se na memória, nãvem sul ndo de chamêto invisível.

«A genti mimosa Flora
Abriu os olhos ideais
Os seus pés da cor da aurora
Andam nus sobre os trigais...»
— Já, onde você quer ir assim?
Estava passando da sorveteria...
Nombra do um susto e eis que volta-
ram naturalmente. Ele perguntou
alto, a entrada do bar:
— Que sorvete você vai querer?
Antonia pensou: vários gostos fo-
ram recordados e, por fim, ainda
restaram dois, causa da indecisão,
Amêixa ou chocolate? Chocolate ou
amêixa?

— Oh, meu Deus, que problema sério!

— Amêixa.

O «garçon» aproximou-se sur-
preendentemente solícito.

— Dois sorvetes: baunilha e amêi-
xa.

— Baunilha é tão sem graça...

— Não sei a graça da amêixa.

— Oíha, José, aí vem, você vai
ficar com inveja...

Num ângulo do bar, numa mesin-
ha desnuda, o sorvete escorria das
taças, minitatura de montanhas
geladas. Os namorados sorriam
sem motivo o que, aliás, é muito
comum e logo o ambiente esboçou-
se. José começou a contar as cois-
as que tinham acontecido de ontem
para cá e Antonia, numa «sua» de
de jogos fisíonômicos, seguia-lhe,
absorta e curiosa, extasiada e sus-
pensu. ... Pul ao tintoreiro...
encontrei-me com Alfredo na livra-
ria... você nem imagina a men-
tura que ele me contou... E lo-
cal? Kertza...

— Agora, descomos po'a rua da
Aurora.

— Rua da Aurora? Não vou! Tia
Eunice, na certa, vai estar lá janei-
ra. Aponta logo confusão comigo,
você vai ver. Aí é que não saio
mais de casa.

— Mas Antonia, pode ser que ela
nem esteja lá janela. E se estiver,
não vai logo desconfiando. Depois
você não pode sair com colega?

— Posso, mas tia Eunice não é
nenhuma tola. Nota logo, é isso.

— Pode ou só vou se for pela rua
da Aurora. Sua tia Eunice que se
dane.

— José, pela Conselheiro Matias é
muito mais perto. Vamos pela Con-
selheiro...

— Não vou, você vai só, ouvir?

Uma rua com um bando de mole-
ques empinando papagaio e jogan-
do futebol. Uma bola bate em você
e eu não me meto, está aí.

— Pois não preciso de sua compa-
nhia, sabe? Vou sozinho, não me
importa! Deu-lhe as costas e tocou a
direção escolhida. José ficou parado,
nem falou. Antonia afastava-se, ele
queria chamar, mas não chamava
não, era orgulhoso, tinha sua digni-
dade, ah isso tinha.

— Vem comigo, vem...

Ele correu, segurou-lhe o braço.
— Antonia, eu vou com você por-
que eu sei que você me pediu, entendeu? Mas é a última vez, não
peça mais que eu brigo sério.

— José, meu brigo, tia Eunice vai
viajar na semana que vem...

Decadência da arte de Apolenia no Maranhão

José Brasil

Com tristeza se observa a deca-
dência da arte de Apolenia no Ma-
ranhão.

No que diz respeito ao público,
a formação de valores, conjuntos
teatrais, ao desinteresse das au-
toridades, educadores etc. muito se
tem a dizer.

O culto da arte da palavra e da
música já não merece a atenção
nem a vibração de quasi ninguém.

Um sincero observador, por mais
batista que seja, dirá com pro-
funda pena e magoa profunda, da
diferença entre o público de on-
tem e o de hoje... O Maranhão
de outrora, que julgava em primei-
ra mão, as grandes companhias,
vindo dos centros mais adian-
çados, quer do país, quer do estran-
geiro, hoje já não sabe mais orien-
tar as entras «pracas», como fazia
então, dizendo se tal companhia
merecia ou não aplausos.

Parece lenta!

Hoje, esse público, em número
reduzidíssimo, lota algumas poltri-
nas do nosso velho teatro, e asis-
te a um espetáculo, com uma indi-
ferença, uma frieza, que aniquila
a sensibilidade do mais vibrati-
vamente artista.

Será que os artistas, que nos vi-
stam de vez em quando não são
dignos de nossa admiração e do
nosso entusiasmo?

Será que esse público, dantes tão
exigente, já não sabe distinguir o
que é bom do que é realmente
má?

Será que o público esteja satura-
do de teatro e a arte teatral no
Brasil não tenha evoluído nada
nestes últimos tempos?

Não. Nada disso. O público con-
tinua sendo exigente e sabe perfeit-
mente distinguir entre uma «cha-
chada», um espetáculo artificial e um
espetáculo de real valor artístico e
cultural.

Sondando o pequeno número de
«fans» da divina arte, que ainda
acerta com as portas da casa que
foi o berço de Apolenia, En-
veremos que esse não está extingui-
do, sem dificuldade, entre um Barreto
Junior, um teatro de Renato Viana e
uma companhia como a «Milton Ca-
neiro, Vanda Lacerda e Mario Bra-
sili», que ora nos visita. Este pe-
queno público, sabe, sim, o que é
digno de ser apreciado e aplaudido.

O público não pode estar astorado
de teatro, porque diante do decré-
sco, do desinteresse, da falta de ambi-
ente existente em nosso país, o teatro,
o nosso teatro, tem evoluído
sensivelmente.

O motivo de toda essa tristíssima
situação merece uma explicação.

Alguém deve ter contribuído para
que assim esteja acontecendo. Sim,
porque um povo não pode viver
sem teatro. Isso é velho, mais é
certo.

A SOCIEDADE NÃO SE INTERESSA PELO TEATRO

Se alguém quiser ter o trabalho —
em dia de espetáculo em nosso tea-
tro oficial, dia em que a casa esta-
ja regularmente cheia — de chegar
até a geral (torrinha), olhar para
baixo, para os camarotes, frisas e
platéia, notará sem dificuldade, a au-
sência quasi que completa da mo-
cidade. O pequeno público de nos-
sos atuais espetáculos teatrais é
composto da gente velha. E daqui
a alguns poucos anos, quando esses
velhos já não existirem ou se ve-
(Continua no próximo número)

Tôdo o Universo move-se, transforma-se perpetuamente. O espírito do homem corre como a matéria universal.

GRAÇA ARANHA



ODORICO MENDES

Nasceu nesta cidade no dia 24 de janeiro de 1719. Aos 13 anos escreveu o seu primeiro soneto, deplorando a sorte de um negro escravo, suplicado no antigo pelourinho então existente no velho Largo do Carmo. Após estudar os preparatórios no Convento de N. S. do Carmo, onde foi discípulo do eminente filólogo maranhense Sotero dos Reis, viajou para Portugal, afim de cursar a Universidade de Coimbra.

Em princípios de dezembro de 1824 voltou ao Brasil, ingressando então no jornalismo. Patriota ardoroso, entrou imediatamente na política, defendendo as idéias liberais. Lecionou retórica e poética nesta cidade e foi eleito, em várias legislaturas, deputado provincial e deputado geral.

Com outras grandes figuras políticas da época chegou a revolução de 7 de abril de 1831, que determinou o (Conclue na 6.ª pag.)

Jeca Tatú na imortalidade

ANTONIO DE OLIVEIRA

Acaba de partir, para uma viagem ao Reino das Sombras, o mais popular escritor do Mundo Infantil, José Bento Monteiro Lobato.

Quem desaparece, agora, do meio dos vivos, não foi apenas o imortal criador do Jeca Tatú, essa figura caricata de um Brasil impetuoso e cheio de mazelas, explorado por aqueles que se envergonham de nossa terra, tal como ela é, de alpercatas nos pés, lombrigas no bucho e máscara de fumo. Não foi somente o contista dos melhores que já tivemos. O cronista de «idéias de Jeca Tatú» e o vernáculo tradutor infatigável.

Monteiro Lobato era mais do que tudo isso, porque foi, apenas, o autor de histórias para crianças, o Andersen, o Trancoso, o Perrault da infância brasileira. E ele não quis ser mais outra coisa. Seus livros infantis andam de mão em mão e muitos adultos preferiam volver à meninice, e deliciar-se com as histórias de Dona Benta (Conclue na 5.ª pag.)

DEFINIÇÃO DO MODERNISMO

BANDEIRA TRIBUZI

Aquele movimento artístico de que Graça Aranha e Anita Malfatti foram complementos circunstanciais e veículo apresentou-se em 1912, na já histórica Semana de Arte Moderna, com todas as características da revolução que tem raízes no complexo social-econômico; idealismo, coragem e gosto de destruição.

A inquietação social promovendo as inquietações religiosas, filosóficas e morais, vai refletir-se na arte por uma inquietação, correspondente que se caracterizará pelo conhecimento de que não está certo e abuso de descobertas ainda não investigadas. Significa isto que o primeiro período da revolução modernista se caracterizou, como não podia deixar de ser, pelo prazer de liquidar uma literatura e arte decadentes.

Evidentemente esta característica geral não impediu que os grandes valores superassem as deficiências históricas do momento e conseguissem firmar-se com uma (Conclue na 5.ª pag.)

OS CÂNTAROS DON JAIME

LUCY TEIXEIRA

DOMINGOS VIEIRA FILHO

As janelas eram tão altas que as meninas se carregavam para espiar. As vezes, duas cabeças apontavam e sorriam subitamente como fantasmalhões galatos. «Foi um rato que assustou Clarinda». Um rato que pisava os olhos, miados, deslizando na sombra, recendo uma traveza morosa e espessa, toda a noite, toda a noite, quando, caía um alfinete de fax e engolia depressa e se afundava em negrão.

Clarinda olhou para Dulce. Dulce olhou pra Clarinda e ambas fitavam Ester.

«Foi o vento se mirando no espelho», disse Ester com fingida gravidade.

Clarinda deu uma risada tão forte que as paredes se encolheram mais brancas, uma traça escondida deixou de se remexer no livro velho. Depois a cama rangia triste e só Clarinda sentara-se para tirar os sapatos.

«Você não vai mais espiar? Dulce puxa a mão à cintura. Nas prateleiras os cântaros esmaltares conservavam os braços curvos, firmes e estáticos.

Mas ninguém respondeu. A tarde se acobruçava. Longe, tinha em certeza alguém chorando, o girassol da madrugada desmatava no solo da hora inútil. A hora inútil e virgem com três meninas no dormitório yazio. Mais tarde as sinetas vibrariam anunciando uma tempestade de «...», a longa procissão com cântaros apagados. Um pequeno fulgor subia aos olhos de Ester, o fogo que não queima incendiaria as visões queridas. No instante em que Dulce a erguera ela virou lá em baixo, na praia sombria, o amador trabalhando, faiscas coloriam o mundo. O pequeno fulgor nos olhos de Ester vinha de uma aurora desconhecida, ainda sem luz definida, gestos de sementes que vão germinando, palavras noivas vestidas de branco. Faiscas coloriam o mundo, mergulhavam nos olhos, atravessavam a terra, ondavam no sangue, subiam no ar, sons de ouro, a ressonância da vida sendo vida...

«Hoje é quinta. Tem sobremesa de doce».

Foi Dulce ou foi Clarinda? Estavam rindo, os rostos se sondando no ar fôco da tarde. Uma era morena e viva, a outra, clara e esguila. As visões se misturavam ternas e humildes, pareciam existir num encontro insuspeito, uma forma de vidro para e simples em que se harmonizassem porções tão diferentes.

«Clarinda, minha rosa, você é gulosa».

Ester delatara-se na cama. Só um instantinho. (A sineta...) As ostras imitaram-na. Dulce ergueu os pés e deixou cair os sapatos sem alça. Quando lá imaginou coisas os pés deviam ficar livres, estavam sempre inquietos como se realizassem, no terreno do sonho, todas as atividades penadas.

«Se eu fosse rica».

«Você não estava aqui, atalhou Clarinda».

«Eu quis dizer que nós iam ao circo».

«Você nunca foi, Dulce, antes de vir para cá?»

Dulce nunca fôra mas teve vergonha de dizer.

(Conclue na 2.ª pag.)

S. Luis é estremecida às vezes em seus fundamentos de pequena cidade pela passagem de artistas de talento que, numa como espécie de transfusão de energia intelectual, rejuvenescem e ajeitam a nossa gente de pintura e de letras.

Entre esses artistas um há que se destaca menos pelo valor de sua arte que pelo sedutor mistério que envolve sua existência. Falamos de Don Jaime del Valle Inclan, filho de Ramon del Valle Inclan, glória das letras da Espanha. Rapaz de seus 24 anos, pálido e magro, uns olhos tristes e fundos de sonhador, a despeito da miopia, bigode arruivado pelo fumo e um cavanhague ralo que lembra, embora fugidamente, a barba de Luigi Pirandello, Don Jaime del Valle Inclan apareceu em S. Luis de improviso, passageiro de um navio de carga, o «Laguna» fumacento e sujo como todos os cargueiros (do mundo). Saltou e deu-se a conhecer. Pintor, rodando em volta do mundo, numa romagem de andaluz ardeor e intranquilo, Don Jaime para logo nos cativou com a sedução de uma palavra culta, colorida com as tintas vibrantes de seu pedaço de chão pátrio, essa Andaluzia ruidosa e musical. Falou-nos empolgado de sua gente, da «plaza de los toros», do enigma de El Greco, de Zurbarán e Viladric, de Lorca e Antonio Machado. Era como de espalhasse na palheta viva do castelano as cores mais ricas de sua alma de atormentado. Contou-nos suas viagens de boêmio errante, de buscador de sensações novas, peregrino sem Meca ao sabor da fortuna. E que bela cultura para um quase menino, que espírito irradiante de sonho, que inteligência lúcida e penetrante que não desmerece a tradição paterna.

É que ativo desde o ouro que gera a ambição e a dor! Don Jaime mostrou-nos um mundo novo, desconhecido, onde o sofrimento está acima de tudo que é prosaico, vulgarmente chato.

Um dia, distante ou próximo, Don Jaime deixará de

(Conclue na 6.ª pag.)

malazarte

MENSÁRIO DE CULTURA

N.º 2 - ANO 1

13-7-948

CRS 1,60

O aparecimento de «malazarte»

Conforme esperávamos, o aparecimento de «malazarte» constituiu verdadeiro e inoportunado sucesso. Para demonstrar o alto interesse que este moderno mensário de cultura despertou nos meios intelectuais e artísticos do Maranhão, basta dizer que, em menos de dois dias todos os seus números foram esgotados.

Aproveitando a oportunidade, daqui agradecemos a Rádio Timbira e a Rádio Ribamar as notícias que transmitiram alusivamente ao aparecimento de «malazarte» e ao mesmo tempo transcrevemos abaixo a expressiva crônica que Marde, o sutil cronista social do mais popular vespertino da cidade, teve a gentileza de escrever, e também o noticiário amigo da imprensa local.

"MALAZARTE"

Temos sobre a nossa mesa de trabalhos o primeiro número de «malazarte», mensário de cultura que tem como diretores os poetas Corrêa da Silva e Bandeira Tribuzi, pintor J. Figueiredo e teatrólogo e ator José Brasil.

O aparecimento de «malazarte», cujo nome constitui uma homenagem de um grupo de artistas e escritores modernos do Maranhão a Graça Aranha, o renovador da mentalidade artística e literária do Brasil, que, em fevereiro de 1911, publicou o drama que tem por tema a figura lendária de Pedro Malazarte, está despertando grande interesse nos meios literários de São Luiz.

Esse primeiro número de «malazarte» apresenta farta colaboração, da autoria de Erasmo Dias, Lucy Teixeira, José Brasil, Corrêa da Silva, Franklin de Oliveira, Bandeira Tribuzi, Osvaldino Marques e Carlos Madeira, destacando-se ainda os poemas «Vou-me embora pra Pasárgada», do consagrado poeta Manoel Bandeira, e «O sentido da vida», do saudoso poeta conterrâneo Benedito Barros.

Na primeira página da aludida publicação vê-se uma xilogravura, da autoria do pintor maranhense J. Figueiredo, constituindo uma homenagem especial de «malazarte» ao grande Artur Azevedo. «malazarte» tem como legenda este expressivo pensamento de Graça Aranha: «Todo o Universo move-se, transforma-se perpetuamente. O espírito do homem corre como a matéria universal».

O novo mensário maranhense apresenta moderna feição gráfica, tendo tido ótima aceitação da parte do público leitor.

(De «O Imparcial» de 30/7/48)

"MALAZARTE"

Foi-nos oferecido ontem

um exemplar do primeiro número de «malazarte», jornal de publicação mensal, lançado na arena da imprensa indígena pelos poetas Corrêa da Silva e Bandeira Tribuzi, pintor J. Figueiredo e teatrólogo e ator José Brasil, seus diretores.

«malazarte» surge agora como significativa homenagem de um grupo de artistas e escritores modernos conterrâneos à memória de Graça Aranha, e renovador da mentalidade artística e literária do Brasil.

Graça Aranha, em 1911, escreveu o drama que tem por tema a figura de «Pedro Malazarte».

O novo periódico, cuja divulgação está despertando vivo interesse nos nossos meios artísticos, sociais e intelectuais, apresenta magnífica feição material, trazendo farta colaboração, destacando-se as de autoria de Corrêa da Silva, Erasmo Dias, Lucy Teixeira, José Brasil, Franklin de Oliveira, Bandeira Tribuzi, Osvaldino Marques e Carlos Madeira.

O poeta Manoel Bandeira, da Academia Brasileira de Letras, publica também em «malazarte» o seu poema «Vou-me embora pra Pasárgada». Traz ainda o presente número do referido periódico o poema «O sentido da vida», de autoria do malogrado poeta maranhense Benedito Barros.

Ilustra a primeira página magnífico trabalho do pintor J. Figueiredo, numa expressiva homenagem daquele jornal literário a Artur Azevedo.

No cabeçalho do novo mensário lê-se a expressiva legenda-pensamento de Graça Aranha: «Todo o Universo move-se, transforma-se perpetuamente. O espírito do homem corre como a matéria universal».

(De «O Globo» de 30/7/48)

"MALAZARTE"

Circulou, ontem nesta capital, o primeiro número de «malazarte», mensário de cultura sob a direção de Corrêa da Silva, Bandeira Tribuzi, J. Figueiredo e José Brasil.

Traz o novo confrade farta e seleta colaboração, reunindo trabalhos primorosos em prosa e verso, da autoria de consagrados nomes da nova geração intelectual do Maranhão.

«malazarte» apresenta-se, na verdade, como um espelho da cultura e da inteligência da mocidade de nossa terra.

«Diário» saúda, efusivamente, o brilhante mensário.

(Do «Diário de S. Luiz» de 31/7/48)

"MALAZARTE"

Leitora amiga, Você deve lembrar-se, boa leitora, de José Bonifácio, o patriarca de nossa independência, o homem que empenhou esforços coroados de êxito para a emancipação política de nossa Pátria. Pois foi esse homem que, um dia, afirmou que a «mocidade é o futuro».

«malazarte» apareceu quinta-feira. Veiu brilhando como um novo sol, resplandecendo de coragem, dessa coragem que é característica da mocidade, a mocidade que representa o futuro. «malazarte», mensário de cultura, constitui uma corrida vertiginosa de um grupo de jovens vontados, representantes do movimento renovador das letras e artes maranhenses, em busca, como o fez José Bonifácio, da completa libertação de um ideal que é mais um destino.

Eu bem sei, leitora amiga, que você que sente «vibração e movimento, alegria e agilidade, liberdade e sol», sentirá também, através da leitura agradável de «malazarte», toda a imaginação encantadora de moços corajosos, empenhados intrepidamente na descensão pura de nossos pensamentos.

O valor intrínseco de uma

MARDE

OS CÂNTAROS

(Continuação da 1.ª página)

—Já, Porisso queria levar você. —Eu vi um de longe naquele domingo, lembra Clarinda? em que fomos ao parque com irmã Oliveira? Descreva que eu tinha lá dentro de mim, o que eu sentia.

—Ah, Ester, isso não interessa, ver por fora não adianta.

—Não adianta pra você, eu e Clarinda ficamos adivinhando as coisas que podiam ter lá.

—Robas... Ah se fosse rica! —O que acontecia, duvidava? Ester piscou um olho e sorriu.

—Acontecia que eu tinha uma linda mãe.

—E daí?

—Daí, dona Clarinda, eu também tinha uma linda mãe e você e Ester iam passar os domingos comigo. Eu chegava aqui bem cedo, o carro buzina no portão com tanta fúria que puzia o colégio todo em rebelião. Que foi? Mas o que foi que aconteceu? Nada. Mãe Superiora, apenas a menina Dulce que veio buscar as meninas Clarinda e Ester para o passeio matinal.

Quando a menina Dulce começava a sonhar alto sabia mãe? onte ficava a vida. Ester e Clarinda viam com ela, andavam de avião, banhavam num rio que nunca viram, comiam frutos silvestres nas selvas amazônicas.

—E se eu fosse rica, tinha uma sala calma para passear de bicicleta... e uma coleção de fitas em c'm da prateadeira para eu escolher e combinar com o vestido à hora de sair... e eu ia passear de bicicleta e meu namorado também lá... e quando eu chegasse de volta mamãe me dava um beijo na testa.

—Que nome você escolheu pra ela?

—Não resolvi ainda. Ester, às vezes penso em dona Maria Angelica... mas eu gosto tanto de Margarida...

—Eu se fosse você escolheria Maria Angelica. É tão suave... E me

raça está ali representado. Abolidos os artifícios, os jovens seguidores da nova escola de cultura avançam a passos largos nos domínios da glória literária e artística.

Nós, leitores, que também somos jovens, acompanhamos sem destemor a cruzada de luz daqueles moços, pois criamos, desconhecido ainda para o mundo, um novo e verdadeiro amor, forte, puro, batallador e sincero.

Cabe-nos, portanto, boa amiga, a honra de possuímos o nosso «malazarte», bandeira magistosa que luta contra preconceitos, expondo nossas verdadeiras emoções, nosso puro sentir, embora mesquinhos julgamentos condenem os malazartes renovadores dos moços.

E a glória literária desses moços, lutadores sem treguas de um ideal, há de brilhar bem longe, distante mesmo, para mostrar ao Brasil grandioso que o futuro é esta mocidade, que canta poemas sem rima e sem métrica, que escreve sem significados pomposos, que desin o pincel para exprimir a verdade, que ama como lhe manda o coração.

Salve, pois, mocidade vitoriosa e conciente!

(De «O Globo» de 30-7-48)

MARDE

conta uma coisa, Dule, você tinha telefone em casa?

—Naturalmente... Ah, isso é que era importante. Quando o telefone chamava a máquina atendia com toda de leveza. —Ah, um momento, vou chamar a... Dulcinda, telefone pra você.

—E nunca, portanto, quis que falar com ela ou—Sim, ela vibrava no pé, a frase morreu sem ação, as meninas ergueram-se meio atônitas e, quase ao mesmo tempo, exclamaram:

—Os cântaros!

Os cântaros «esaltados» estavam vazios. A irmã Oliveira já descobriu. Na semana anterior haviam ficado de castigo no refeitório, agora não sabiam o que se podia ser. Descreveram rápidas a escada em caracol, cada qual com um cântaro no braço. Não falavam mas pareciam estar a rezar numa linguagem mais íntima que a irmã Oliveira não apreciava ao pé da escada, que houvesse acur no fôlego, que a revista à forma não começasse ainda, não, não e não...

E já voltavam, teóricas e quasi felizes, cântaros esaltados ao ombro, os rostos salpicados d'água e já estavam lá em cima não fosse a súbita aparição.

—De onde vêm a esta hora? Não ouviram tocar?

—Ouvimos sim, irmã, mas é que... Outros passos soaram no corredor. Um terceiro se balanceava, dobras de manto ondulavam no antigo ritmo.

—Clarinda, Dulce e Ester — irmã Oliveira estava seria e fria — sabem e votem para o refeitório. Não terão sobremaneira esta semana e passará o resto da capela.

—Sim, senhora.

Submissas, as meninas orlãs voltaram ao dormitório e colocaram nas prateleiras os três cântaros como se depusessem, em silêncio, três destinos irmãos, três vidas no altar dos sacrifícios inóteis...



NOVISSIMOS DO MARANHÃO

— DRAMA —

RIBAMAR COELHO

A estrada era longa e dolorosa era a estrada
sobre os trilhos luzidos da via férrea
o Sol reluzia translucidamente em fagulhas faiscantes.
No sulco profundo rasgado na terra encharcada
a síntese de um lago enchia-se de luz.

O retirante parou, maltrapilho, exausto, faminto, desgraçado.
O espelho da água refletia o rosto do pária.
O espanto teve a ardência da canícula em brasa.
Miron-se mais e com as mãos crispadas
percorreu o rosto esquelético, a barba eriçada e nojenta.
Um caco de vidro ao alcance da mão.
Momento de descanso, de contemplação, de higiene.
Os fios da barba desgrenhada descem pelo rosto macilento
e a pele rasgada, dolorida, maguada e as dores vão crescendo.

O caco de vidro cortante, frio, sinistro, raspava-lhe o estômago.
Um pedaço de pão e uma moeda bolaram no espelho do charco.
A luz tinha reflexos de sangue.
Dofa-lhe o corpo, as vísceras, o cérebro.
O pedaço de vidro agora cortava-lhe a alma.
E o seu rosto sangrando, rolava manchando
um pedaço azul de nuvem longínqua.

Seu corpo era um arco sobre a síntese do lago.
Os páes multiplicavam-se assustadoramente
sempre ao longe, fugindo para além das suas mãos,
numa ascensão dolorosa, inatingível...
A poça d'água absorvia os páes.
Agora as suas mãos nodosas perturbavam
a paciência do espelho, revolviam inexoravelmente o lodo do charco.
O estômago, humano, impuro, telmoso, reclama
os páes que lhe fogem em lodo transformados.
Pobre vida, a mesma que brota no seio da América.

As horas são pouzadas, nervosas, desoladoras.
A fome adormece o ímpeto das vísceras
que é um cravo vermelho afogado em promessas...
E o corpo descarnado, maltrapilho, nauseabundo
rola e adormece sonhando com a vida que flue
no charco, no lodo, nos espinhos, nas flores,
nos frutos, nos céus, nas estrelas,
na própria dor que o alimenta.

DOIS POEMAS

CHUVA

O céu está se acabando
Como gelo.
Virou água,
Virou chuva.

Todo homem, agora,
Pode beber o céu
Na concha das mãos.
Como gelo

CLARO ESCURO

A pena suja a roupa do papel
Molhada de idéas negras,
No charco do cérebro.
Não escreverei nada, hoje.

Talvês, ainda, o papel
Seja mais feliz,
Todo de branco.

LAGO BURNETT

FARMACIA DO POVO

DE

LIMA FURTADO & CIA.

Estoque de drogas, produtos químicos e especialidades farmacêuticas adquiridos nos principais laboratórios e drogarias do Brasil

RUA JACINTO MAIA, 384

SÃO LUIZ

MARANHÃO

BRASIL

CÂNTICO DO TEMPO ATUAL

JOSE SARNEY COSTA

A rapidez dos movimentos bruscos
que tolhe vidas e despedaça rodas,
cria o medo da morte que virá um dia
e será a derradeira visita, se for.

O tempo não há como significado de distância
e os velhos já viveram mais que os moços
enquanto a amalgama dos destinos e desastros
se sucede na hora precisa e exata.

A vida é sucedâneo de infortúnio.
O baile chega a meter medo de briga
e tombar no salão esfaqueado por um dêsse
ou tropeçar num dos vestidos e esquisitices da moda.

A rapidez das notícias propaga-as liberalmente.
E a mãe, tolhida de surpresa,
morre ou de um colapso ou de fome,
se a caridade pública não a colocar num azilo de mendicidade.

A velocidade é a síntese do paralis e do progresso.
O átomo é o rei votado pelo dólar.
a miséria o hospital dos sanguessugados
e do amor... nem se fala!

A equação do progresso é deduzível,
porém se cada um cumprir o regime do homem de senso.
Enquanto isto, esperemos o grito das dissoluções,
o desmoronamento dos aviões no sólo, a ida dos amigos...

SONETO

LUIS CARLOS

Sento-me no silêncio do trigo
com pétrea túnica inconsútil
vestindo-me as ações animais

Surge plena a virgem primeira
trazendo um manto diáfano
de sutis desejos maternos

Esqueci a botelha de vinho
desprezo as folhas escritas
Apenas a amplidão de cores
sucinta em seios agrestes

baixa ao inaudito compasso
da emoção vestida em música
no inconcreto perene instante
da antequeda da túnica inconsútil



POETAS DO BRASIL

A SERRA DO ROLA-MOÇA

A Serra do Rola-Moça
Não tinha esse nome não...

Eles eram do outro lado,
vieram na vila casar.
E atravessaram a serra,
O noivo com a noiva dele
Cada qual no seu cavalo.

Antes que chegasse a noite
Se lembraram de voltar.
Disseram adeus pra todos
E puzeram-se de novo
Pelos atalhos da serra
Cada qual no seu cavalo.

Os dois estavam felizes,
Na altura tudo era paz.
Pelos caminhos estreitos
Ele na frente ela atrás.
E riam. Como eles riam!
Riam até sem razão.

A Serra do Rola-Moça
Não tinha esse nome não.

As tribus rubras da tarde
Rapidamente fugiam
E apressadas se escondiam
Lá em baixo nos socavões
Temendo a noite que vinha.

Porém os dois continuavam
Cada qual no seu cavalo.
E riam. Como eles riam!
E os risos também casavam
Com as risadas dos cascalhos
Que pulando levianinhos
Da vereda se soltavam
Buscando o despenhadeiro.

Ah, Fortuna inviolável!
O casco pisara em falso.
Dão noiva e cavalo um salto
Precipitados no abismo.
Nem o baque se escutou.
Fez um silêncio de morte.
Na altura tudo era paz...
Chicoteando o seu cavalo,
No vão do despenhadeiro
O noivo se despenhou.

E a Serra do Rola-Moça
Rola-Moça se chamou.

MARIO DE ANDRADE



SE COMPRAR É O SEU PROBLEMA... «RIANIL» É A SOLUÇÃO

AS MAIS POPULARES LOJAS DO BRASIL CONDUZEM, NO PRÓPRIO NOME, AS TONALIDADES DA ALEGRIA E DO SONHO

«RIANIL»

EXPRESSÕES ALEGRES, RISO, POPULARIDADE, PRESTÍGIO E CONFIANÇA NAS CORES DE SUA VARIADA E DESLUMBRANTE PADRONAGEM
EDIFÍCIO RIANIL — RUA OSVALDO CRUZ, 44 — SÃO LUIZ-MARANHÃO

ANTOLOGIA

SEBASTIÃO CORRÊA nasceu predestinado pelos deuses bons e poderosos para espalhar harmonia e semelhar beleza.

Senhor de um coração puro como o de uma criança inocente e dono de uma raríssima sensibilidade de legítimo artista, escreveu os mais belos poemas da sua geração e soube fazer o seu violino inesquecível soluçar, dentro das palidas madrugadas, em confidência com a lua e as estrelas.

Simple e modesto, leal e sempre indiferente às baixezas dos homens e às misérias da vida, o seu mundo era o seu lar, — ninho tórido onde dois pequenitos, «os seus anjos» como dizia, sorriam, felizes... Boêmio, mas honesto e trabalhador, chegou ao extremo de fugir para o subúrbio, afim de conquistar o pão de cada dia, molrejando corajosamente diante dos rumores dos teares de uma fábrica de tecidos e no meio de homens sinceros e amigos, analfabetos e de mãos calosas.

«Evocação», poema que é hoje publicado por «malazarte», mostra o poder emocional e ao mesmo tempo evidência a alta força lírica de um moço sonhador, romântico e nunca assás lembrado pelos aedos seus contemporâneos.

EVOCAÇÃO

Quando o silêncio desce, tímido, e cendrados véus pairam no ar,
as rosas rubras rezam, — supliciados
corações a sangrar...

É a hora em que soluça um misterioso piano
o sentida canção do sofrimento humano;
é o momento em que a luz agonica estremece
sobre os montes altíssimos em prece;
e as mãos me estendem de lilaz, piedosa amiga,
para que eu cante soluçante uma cantiga
linda como o adeus crepuscular,
quando o silêncio desce, tímido, e cendrados
véus pairam no ar.

SEBASTIÃO CORRÊA



EXPOSIÇÃO CÁDMO SILVA

De 15 a 31 de julho esteve aberta a visitação pública, no salão nobre do «Teatro Artur Azevedo», a 1.ª exposição individual de pintura do nosso talentoso conferrâneo Cádmo Silva, pintor moço e revolucionário.

Pela vitória que a sua exposição constituiu, na história das artes plásticas maranhenses, parabenizamos o Cádmo, digno membro do Núcleo «Eliseu Visconti» e transcrevemos as opiniões que os nossos companheiros Erasmo Dias, Corrêa da Silva e J. Figueiredo escreveram no álbum de impressões dessa moderna mostra de pintura:

No impressionante surto, que se verifica, nos últimos anos nas artes plásticas no Maranhão, Cádmo Silva é, sem favor, uma das mais fortes personalidades. O seu triunfo, agora, representa justa recompensa a um jovem que pela primeira vez, nesta terra, ha cerca de cinco anos, apresentou num Salfio trabalhos surrealistas.

Em 15/VII/948

ERASMO DIAS

Simple e modesto, persistente e idealista, Cádmo Silva é um moço que não ignora que lhe cabe, também, o dever mais do que sagrado de contribuir com uma parcela do seu trabalho para a vitória definitiva de quantos estão empenhados, nesta hora, na árdua e gloriosa tarefa da renovação artística do Brasil. Assim, ele pertence à ala heróica e audaz dos que cumprem, conscientemente, os imperativos estéticos da sua época.

Iniciador da arte surrealista nesta cidade essen-

cialmente conservadora e tradicionalista, Cádmo demonstrou logo de início, a sua tempera de combatente intemerato. Consagrado alem das fronteiras do seu Estado natal, realiza agora a sua primeira mostra individual de pintura. Dentro as telas apresentadas destacamos «Enterro» e «O morto», que evidenciam a integração do seu autor no abstracionismo e no expressionismo e comprovam, ao mesmo tempo, a sua posição de artista de vanguarda, — posição conquistada galhardamente por um pintor que reage contra o meio hostil e sorri, superior, a indiferente, diante da inveja dos pretenciosos e da irritabilidade dos medíocres...

S. Luis, 31-7-948

CORRÊA DA SILVA

Leonardo Da Vinci, o imortal autor de «Gioconda», afirmou certa vez:

«O pintor deseja ver uma beleza que o encante; está na sua vontade criá-la, e se lhe apraz a evocação de monstros terríveis, de cenas grotescas e ridículas, ou comovidas, ele é senhor disso. Poderá fazer, se lhe aprouver, lugares ermos ou recantos sombrios e verdejantes no verão, ou mesmo lugares ardentes quando é inverno».

Senti a verdade do pensamento de Da Vinci ao contemplar as expressivas telas de Cádmo Silva, o jovem artista conferrâneo que, trabalhador e estudioso como é, sem dúvida será uma das glórias da pintura nacional.

S. Luis, 31-7-948.

J. FIGUEIRÉDO

QUER UM RETRATO ARTISTICO?

PROCURE SEM DEMORA, A RUA 7 DE SETEMBRO, ESQUINA COM A RUA CEL. COLARES MOREIRA, O

FOTO ARTS

Para um bom retrato é preciso um bom fotógrafo, que tenha gosto artístico!

Para os serviços de revelações, ampliações e reproduções, é indispensável um bom laboratório!

Tudo isto você encontrará no «FOTO ARTE»

REFRESCOS? DOCES? CONFEITOS? CHOCOLATES? CONSERVAS? LEITE? BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS?

PROCURE IMEDIATAMENTE A

ROSA DE MAIO

— DE —

T. A. SANTOS

RUA RODRIGUES FERNANDES, JUNTO A FARMÁCIA S. VICENTE DE PAULA.

JECA TATU" NA IMORTALIDADE

(Continuação da 1ª página)

e do Narizinho Arrebitado, a refocilar-se numa sub literaria pornográfica e sem vitalidade.

Numa recente entrevista, publicada antes de falecer, declarou o autor de «Negritude» que se pudesse retomar a sua vida, voltaria a escrever somente para crianças, até que a morte o levasse definitivamente. Monteiro Lobato foi para os garotos brasileiros o mesmo que Selma Lagerlof para os de seu país. Foi ele, realmente, quem veio libertar os nossos pequeninos das falsas histórias infantis, das obscenas aventuras do Bertoldinho e da infecta literatura de cordel, tão prejudiciais à formação das tenas almas das crianças patricias.

Nos sombrios tempos do Marquês de Pombal, dois grandes nomes portugueses eram citados nos meios científicos de toda a Europa: Ribeiro Sanches e Verney. Ninguém teve melhores ideias, ninguém procurou tanto colaborar com os governos, para o melhoramento do seu país, do que esses dois iluminados cidadãos. Ninguém, entretanto, foi mais esquecido ou mais perseguido do que eles. As suas ideias, quando utilizadas, corriam mundo sem os nomes dos seus respec-

vos descobridores. Isso em Portugal.

Assim foi Monteiro Lobato. Ninguém, no Brasil, se bateu tanto pelo petróleo nacional, pelas edições nacionais, pela nacionalização do Jeca, pela industrialização do babaçu, o coco-mão; essa vaca leiteira do Maranhão, e pelo nosso ferro.

Ninguém, entretanto, mais combatido, mais sabotado. Até Getúlio, esse páro de montanha de quinze anos, procurou fazer-lhe sombra, aniquilá-lo, até na sua espetacular entrada para a Academia. O indesejável hóspede crônico do Catete, porém, passou, desgraçadamente, como passam todos os cogumelos distorridos.

O nome de Monteiro Lobato, entretanto, ficou, para sempre, ligado aos seus empreendimentos e aos seus livros imortais.

Se o barbeiro, o cura e a ama do Quixote, procurassem reproduzir hoje no Brasil, a sua façanha incendiária, os livros de Monteiro Lobato certamente escapariam à destruidora fogueira quixotesca.

Creio que foi Henrique Pongetti quem lhe chamou o mais resmungão dos brasileiros. E era verdade. Vivia sempre resmungando. Quando não era

com os seus heróis, era contra a imensidão de «tuertos» nacionais.

Nenhum coração, porém, melhor que o dele. Coração igual à amêndoa do babaçu e aos poços de petróleo nacional, por que tanto se bateu.

O céu das crianças deve ser um paraíso à parte, muito longe do céu dos adultos, sem rasteiras e sem maldades. Um céu onde Getúlio e sua camarilha jamais poderiam penetrar. Pois é lá que está agora o grande José Bento. Dormindo o sono eterno, na companhia do Marquês de Rabicó e Narizinho. No meio das crianças, muitas crianças. Jeca do lado de fora em companhia do Brinquinho, escaraca os dentes, com vontade de entrar.

Lobato conseguiu, afinal, a verdadeira imortalidade. Não se trata, porém, dessa conferida, em caráter interino, pelas Academias...

Decadência da arte de Apolonia no Maranhão

José Brasil

(Continuação do número anterior) Jam impossibilitados de ir ao teatro, quem aplaudirá os espetáculos teatrais que se realizarem em nossa cidade?

Por que a mocidade não se interessa pelo teatro?

Ha alguns anos era comum, quando do encerramento do ano letivo, organizarem-se festas de arte nos colégios. Depois da solididade da entrega dos diplomas, seguia-se um pequeno espetáculo, de canto, de canção, de dança e uma comédia engraçada. Lembro-me bem das últimas que assisti promovidas pelo Colégio de S. Luiz, quando ainda estava sob a direção do Professor Luiz Viana. Depois que esse querido e grande educador conferrâneo transferiu sua residência para a Capital Federal, nunca mais houve espetáculos teatrais, chegando o fim do ano em nossos estabelecimentos de ensino. Acho que a culpa da decadência do teatro, aliás da arte em geral, em nossa terra, cabe em parte aos educadores. A eles compete, além da instrução moral e cívica, despertar também o amor pela arte, pois que é realmente belo. Se o teatro estivesse ocupando nas escolas primárias e secundárias o seu

(Continua no próximo número)

DEFINIÇÃO DO MODERNISMO

(Continuação da 1ª página)

arte definitiva (como aliás sempre acontece, embora em graus diversos). Mesmo porque os que conseguiram permanecer, apesar das transigências inconcipientes ao tom de arte dominante, alguma coisa sofrem por essas mes-

mas transigências. Todas as revoluções são dolorosas e sangrentas e sempre tremendas injustiças são praticadas em favor da justiça.

Isto que é verdade no campo político é-o também no

(Continua no próximo número)

«malazarte»

SEMANÁRIO DE CULTURA
— DIREÇÃO —
CORREIA DA SILVA
BANDEIRA TRIBUZZI
J. FIGUEIREDO
JOSE BRASIL

ASSINATURAS:

Endereço:
Caixa Postal, 272
ANO. ————— Cr\$ 15,00
São Luís — Maranhão — Brasil

DON JAIME

(Conclusão da 1ª. parte)
Um dia, distante os próximos, Don Jaime deixará de correr mundo em amarga boemia ambulatória e começará a escrever sua experiência humana. Serenada a inquietude desse espanhol ardente e culto, belos livros ele nos dará a ler, profundamente vividos através povos de sentimentos e costumes os mais diversos. Que vida cheia de extranho heroísmo a desse pobre Don Jaime tão pálido e solitário!

Os desenhos de Matisse

Pierre Courthion — escreveu.
J. Figueiredo — traduziu.

Nada é mais evocador na arte colorida, que os pensamentos a lápis de Matisse. A sua liberdade desenfreada caracteriza estas sutis noções e com a mesma sensibilidade o grande mestre do gosto traduz, em linguagem, o pintoresco de uma paisagem ou a poesia de um nu.

Ele parte de Cézanne. Abre novos olhos sobre a campina e os objetos.

Uma vez encontrado o esqueleto de seus desenhos! obedece aos caprichos de sua fantasia. Um grupo de árvores, algumas casas próximas ao vale, rodadas de um entrelaçado de folhas e trepadeiras, ficam próximas ao observador, à parte de seu espírito inventivo.

Uma escritura cursiva que vem realçar o motivo, como na música, as variações fazem serpentear seus arabescos, em volta do tema principal.

Matisse é sonoro. É também poeta.

Vejam seus modelos nus, de pé, ou recostados languidamente sobre pesadas poltronas. Eles são frequentemente «objetos incolores», que o pintor nos mostra como contrastes, reservando seus achados e linhas para o motivo das alfombras, cortinas, ou tapeçarias de matizamentos improvisados. Há muita cor em seus desenhos! Matisse é um espírito livre. Creou um mundo visual para sua satisfação íntima antes de tudo, e depois para nosso prazer.

Dois dimensões lhe bastam. Para que volume? A mancha, sempre a mancha.

E, pois, o contorno a recortar-se de tons.

A estilização não contribuirá para o grave risco de diminuir o valor de sua obra? Não em Matisse, que anima tudo o que toca, que o transforma e imprime sua personalidade particular, tão impregnada de distinção e liberdade.

Algumas pinturas saídas de suas mãos permitem continuar juntando a cor ao grafismo.

Compõe as tonalidades mais finas e pinta um ramo.

Sua palheta conhece as flores mais raras.

Seus interiores estão florescidos de milhares de pétalas que recobrem as telas e papéis pintados como um frágil potim.

Matisse é uma ave do Paraíso que, em largos vãos, passa cortando o céu gris da pintura moderna.

Tem se transportado das margens do Sena, ao Oriente sonoro de Eugênio Delacroix. Poucos dos nossos pintores lhe devem algo, com exceção de Dufy, esse Girardoux da pintura.

Imensamente grande é o pintor das Odaliscas languidas, das flores murchas e das paisagens de perolas.

Poderíamos reprova-lo, nos últimos anos de sua pintura e desenho, por voltar-se demasiado ao modelo vivo, e fazer entrar sua arte imaginária com entrecios de realidade.

Queremos crer que isso não é mais que uma passagem.

A ave do Paraíso retomará seu voo.

ODORICO MENDES

(Conclusão da 3ª. página)
Imperador d. Pedro I abdicasse do trono. Rejeitou fazer parte da Regência tria e também recusou uma das pastas do primeiro ministério organizado pela mesma.

Mais tarde, sendo precaríssima a sua situação financeira, foi nomeado inspetor da tesouraria geral do Rio de Janeiro.

Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Academia Real das Ciências de Lisboa. Fundou «O Argus da Lei», «Astréa», «Pharos Paulistano», «O Despertador Constitucional», de parceria com Sotero dos Reis e colaborou na «Aurora Fluminense», de Evaristo da Veiga, «Jornal do Comércio», «Sete de Abril», «Liga Americana» e «Iris».

Foi agraciado pelo Imperador d. Pedro II, em 1860, com a comenda da Ordem de Cristo. Em 1847 abandonou inteiramente a política, deixou o Rio de Janeiro e passou a viver na Europa, residindo em Paris. Visitou a Itália no ano de 1861 e na noite de 17 de agosto de 1864, em Londres, viajando em estrada de ferro, faleceu num vagão de 3ª. classe, vítima de um ataque de apoplexia fulminante.

Insigne humanista, Odorico Mendes foi cognominado «O Virgílio Brasileiro». Deixou dispersas inúmeras produções poéticas, um «Opusculo acerca do Palmeirim da Inglaterra» e traduziu Voltaire, Virgílio e Homero para o português.

Segundo a opinião de Ronald de Carvalho, Odorico foi «grande conhecedor das letras clássicas, das quais sabia tratar com erudita elegância», e «metrificava como um rei», no parecer de Gonçalves Dias.

Em homenagem ao imortal helenista maranhense «malazarte» estampa acima a expressiva xilogravura devido à arte de Cádmo Silva.

leia

«ALGUMA EXISTÊNCIA»

— DE —

BANDEIRA TRIBUZZI

RAPSODIA DAS MUITAS TEREZAS

Erasmio Dias

(Continuação do número anterior)
complexo mundo interior, para compreender.

Pouco a pouco decifrar o enigma desse interior surpreendente, e fui, aos poucos, com a paciência de um arqueólogo, sondando a terra, para capturar a expressão de tudo.

Como todo introvertido, meu amigo possuía uma imaginação ardente e criadora. Disse, talvez, tivesse, mesmo, a profecia intuitiva, que bem cedo alcançara. Já no seu íntimo, e aqui, certo, que se misturavam, muita vez, o mundo real, com um outro, que lhe era próprio. Compreendi, logo que o conheci melhor, que meu amigo possuía a facilidade de amar um igual intensidade, passivo, como também os personagens, com que se travava o conhecimento das suas longas viagens, pelo mundo dos livros.

De muitas dessas personagens tanta vez me falara ele, com o carinho e o afeto, com que parentava se pudesse falar, sobre uma pessoa de existência real. No fundo, certamente, amava essas criaturas solidas das páginas dos livros distantes, ficando-se a elas, para compensar a distância, que lhe causava, na vida afetiva, alguma coisa de longinquidade, que marcara, na juventude, a sua vida.

E, dentro desses personagens queridos, havia muitos, cujos nomes nos eram familiares. Aquela encantadora Theresa Desprez, de Morgan, por quem, talvez, na vida interior, o meu amigo alimentasse a febre da distância do próprio Barbet. Theresa Desprez, a infeliz Theresa, que Maurício citara, Vitoria a convençosa Vitoria, do dor sereno e do puro afeto de K. M. Housman.

Todas essas criaturas, eram para mim como os melhores amigos e terças da minha vida. Este ou aquele fato, as relacionava a com a Theresa.

juvenil, de olhos ardentes e cabelos negros, que tão sutilmente fizera explodir, anasaladora, a paixão inesperada e quase ridícula do meu amigo.

Não seria bem a colégial de ilustre nome a quem ele amava. Continuava amando, nela, Theresa Desprez e todas as demais Terezas, que constituíam os caros fantasmas do seu mundo interior de homem de espírito introvertido, vivendo mais no mundo afeto da sua inteligência.

A paixão de meu amigo não era, pois, uma abstração do seu espírito pelo amor. Não, não era. Não era um amor, violento, que houvesse explodido, a primeira vista, como a raiva, e depois esboçando superficial. Na sua afeto, suble e inesperado, pela colégial de grandes olhos negros e inteligentes, ele permanecia coerente consigo próprio, e, apenas, aflorava ao mundo real, um longo processo afetivo da sua vida interior. Usavam-se, por fim, todos os motivos dispersos da sua vida afetiva, numa rapsódia casual. A rapsódia das muitas Terezas, que, por esse ou aquele motivo, passava a sua sensibilidade, a serem convergidas, no jovem colégial que, talvez, amasse os mesmos personagens que ele também amava ou outros com quem se sentisse identificado.

Foi assim, que consegui analisar a surpreendente, inesperada e quase inacreditável avaliação afetiva do meu amigo, que sempre fora tão cético para o amor.

Logo depois disso, separamo-nos. Hoje, não sei notícias suas nem da jovem Theresa, que realizou o milagre de unificar os motivos dispersos da sua rapsódia de afeto.

Não sei si, impulsiva e voluntariosa, como a Desprez, viu ela, nessa longa e estranha viagem de que fala Morgan, em sentido oposto ao meu amigo. Sei, todavia, que de uma forma ou de outra, mesmo, talvez, sem o sentir ou saber, ela motivou um reencontro do meu amigo, com a vida. E, se dele si apartou, tenho a certeza que deixou um vazio na sua alma, pois nela se haviam fixado, para a sensibilidade de meu amigo, todos os motivos da sua estranha e bela rapsódia das suas muitas Terezas.

DOIS HAI-KAIS

I

RECORDAÇÃO

Noite. Um velho fita o céu, acende o seu cachimbo: vai fumar saudades...

II

AS ESTRELAS

A Noite olha a Terra. Vê os homens. Sente pena e chora estrelas...

Gorrêa da Silva

